

A percepção do estudante internacional sobre seu acolhimento em Instituições de Educação Brasileiras

Claudia Cristiane dos Santos Silva – claudia@espm.br

Manolita Correia Lima – mclima@espm.br

Escola Superior de Propaganda e Marketing – ESPM

Resumo: As Instituições de Educação Superior, ainda que internacionais em sua gênese, estão inseridas em um contexto onde a mobilidade de estudantes se intensifica e requer um processo de estruturação acadêmica e de serviços que possam atender as exigências deste mercado. Embora o Brasil não seja uma referência acadêmica, o fato é que vem ampliando os estoques de acolhimentos de estudantes oriundos de diversas partes do mundo. Motivados pela atual imagem do Brasil no cenário internacional e pela ideia de que o país possa ser uma promessa de futuro promissor, os estudantes internacionais estão, cada vez mais, optando por IES brasileiras para viverem a experiência de um período de estudos. As IES, na perspectiva de estruturas imóveis que oferecem suporte a esta mobilidade necessitam traçar estratégias para, mais do que atrair estudantes internacionais para seus *campi*, proporcionar uma experiência que possa reverberar na atração de outros estudantes. Neste sentido, buscou-se identificar sob o olhar do estudante internacional a sua percepção sobre os serviços de suporte oferecidos por IES em avançado estágio de internacionalização, durante o planejamento e o *sejour* em três instituições, duas localizadas em São Paulo e uma em Belo Horizonte. Para tanto, foram realizadas entrevistas em profundidade com 15 estudantes internacionais acolhidos por estas instituições¹. Voltar a atenção para os departamentos que atendem a estes estudantes, pode revelar trilhas para potenciais estratégias de suporte à internacionalização de outras IES brasileiras. Ao longo da investigação observou-se que um site bem organizado, rapidez ao responder e-mails, tanto quanto uma boa recepção na chegada ao campus são fatores muito valorizados pelos estudantes internacionais.

Palavras-chave: Internacionalização da Educação Superior, Estratégias de internacionalização, Mobilidade Acadêmica.

¹ Pesquisa realizada no âmbito da dissertação de Mestrado intitulada por Mobilidade corpórea de estudantes internacionais - As motivações dos estudantes internacionais acolhidos por instituições de educação superior localizadas em São Paulo e Belo Horizonte.

INTRODUÇÃO

Os dados divulgados pelos relatórios anuais da Unesco e da Oede revelam que de 1990 em diante a mobilidade internacional de estudantes cresce em número e complexidade. Isso pode ser observado na própria definição do conceito de internacionalização do ensino superior. Dada à pluralidade do fenômeno, o conceito pode significar coisas diferentes para diferentes pessoas, assumindo um caráter polissêmico. Para uns, está relacionada à mobilidade acadêmica de estudantes e professores, para outros, pode significar abdicar da educação para outros países por meio de novos tipos de arranjos. Há ainda, os que veem o desenvolvimento internacional a partir da intensificação do comércio de ensino superior na perspectiva da internacionalização. Para DeWitt (apud KNIGHT, 2005, p.12), por exemplo,

Como a dimensão internacional do ensino superior ganha mais atenção e reconhecimento, as pessoas tendem a se apropriar da maneira que melhor se adapte às suas finalidades. Embora se entenda que isso possa acontecer, não é útil para a internacionalização se tornar uma frase que contempla tudo e qualquer coisa internacional. Uma definição mais focada é necessária para ser entendida e tratada com a importância que merece. Mesmo se não houver acordo sobre uma definição precisa, a internacionalização necessita ter parâmetros se for para o avanço do ensino superior ser avaliado. É por isso que o uso de uma definição de trabalho em combinação com uma estrutura conceitual para a internacionalização do ensino superior é relevante.

Apesar de haver relatos sobre o que era conhecido como *peregrini homoacademici* na Europa da Idade Média, em que estudantes peregrinavam por prestigiadas Universidades, o aumento do número de estudantes que trocam seu país de domicílio por outro, para viver por um período de estudos que varia em meses, constitui-se elemento novo no século 21 (DERVIN, 2008). Contemporaneamente, uma das características da mobilidade acadêmica internacional é a sua institucionalização. A livre circulação de estudantes, professores, investigadores, e pessoal administrativo integra as preocupações do Processo de Bolonha e da formação do Espaço Europeu de Educação Superior (DECLARAÇÃO DE BOLONHA, 1999). Na reunião de *Louvain-la-Neuve* (2009), por exemplo, 47 ministros da educação se comprometeram a trabalhar para que até 2020, 20% dos estudantes europeus tenham a oportunidade de viver uma experiência de estudos fora de respectivos países de origem (COMMUNIQUÉ, 2009).

Quando se trata da perspectiva quantitativa da mobilidade, os números são impactantes, como revelam os relatórios de agência bilaterais como a OCDE. O relatório OCDE - *Education at a Glance 2013*, publicado em junho de 2013, informa que em 2011 havia 4,3 milhões de estudantes da educação superior vivendo uma experiência de estudos fora de seus domicílios. No entanto, considerando que este documento reúne dados apenas sobre os países que

reportam à OCDE, o número de estudantes em mobilidade internacional é bem superior ao descrito no documento citado.

Oportuno destacar que o Processo de Bolonha vem sendo inspiração para países como o Brasil, que busca em programas como o Ciência Sem Fronteira² acelerar a formação de profissionais em áreas do conhecimento imprescindível para o desenvolvimento do País. Se a Europa entendeu que as bases para sua reconstrução estava na Educação, o Brasil, a partir do esforço conjunto entre os Ministérios da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e do Ministério da Educação e Cultura (MEC), busca compensar seu atraso. Assim, instituiu o referido programa, cujo objetivo está em promover a consolidação, expansão e internacionalização da ciência e tecnologia, da inovação e da competitividade brasileira por meio do intercâmbio e da mobilidade internacional.

Dito isso, cabe abordar a internacionalização das instituições da educação superior brasileiras, uma vez que o Brasil vem somando às estatísticas sobre estudantes móveis, tornando-se cada vez mais, opção para a experiência de um período de estudos para estudantes internacionais. A repercussão positiva acerca da economia brasileira acena como uma possibilidade de ampliar as chances de uma colocação profissional, na medida em que conhecer a cultura brasileira e compreender o idioma português pode se constituir em um diferencial no currículo. Conforme sugere Bourke (2000), em razão da experiência de estudos no exterior ampliar as possibilidades de carreira profissional, talvez os estudantes não estejam adquirindo graus, mas os benefícios que um diploma pode oferecer em termos de emprego, *status* e estilo de vida, entre outros (BINSARDI; EKWULUGO, 2003).

Para tratar do acolhimento dos estudantes internacionais pelas universidades brasileiras, nos limites desse documento houve a necessidade de se fazer um recorte de tal maneira que serão aprofundados os aspectos relativos à percepção de estudantes internacionais acerca dos serviços de suporte oferecidos pelas instituições. Direcionar a atenção para as instâncias que acolhem estes estudantes pode revelar aspectos interessantes para profissionais que trabalham na área de relações internacionais das instituições universitárias.

Este texto está estruturado em três seções, além da Introdução. A primeira descreve os recursos metodológicos utilizados na pesquisa realizada, na segunda os materiais empíricos são descritos e interpretados e por fim se elabora as considerações finais.

² <http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/o-programa>

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Considerando a escassez de dados sobre as referências que estudantes estrangeiros fazem acerca do acolhimento recebido por instituições de educação brasileiras, optou-se por dar voz aos estudantes que viveram a experiência de frequentar uma das três instituições investigadas. Duas delas são faculdades localizadas na cidade de São Paulo, cujo perfil constitui-se em oferecer poucos cursos, e todos voltados para área de negócios. A terceira trata-se de uma universidade localizada em Belo Horizonte. As três instituições são reconhecidas internacionalmente e, portanto estão em avançado processo de internacionalização. No compromisso de manter em sigilo acerca das bandeiras destas instituições, elas serão identificadas por nomes de árvores. Assim sendo, as unidades sociais de estudos situadas em São Paulo foram nomeadas por Figueira e Jacarandá e a de Belo Horizonte foi identificada pelo codinome Ipê.

Compunham o grupo ouvido, 15 estudantes internacionais, sendo cinco de cada instituição investigada. Destes, 12 eram provenientes de países europeus, um norte-americano, um mexicano, e um equatoriano. Eles estão identificados por uma sequência de códigos que compreende um intervalo entre E1 e E15. O contato com os estudantes se deu no período que abrange o segundo semestre de 2012 e o primeiro de 2013. Os diálogos foram orientados por um roteiro semiestruturado onde um dos aspectos abordados versava sobre o acolhimento realizado pelas instituições. A razão de ser do referido roteiro consistiu em apoiar o entrevistador no sentido de recordar as questões chave no decorrer da entrevista (GODOI; MATTOS, 2006). A escolha dessa técnica de coleta de materiais ('entre - vistas') está em consonância com a abordagem metodológica qualitativa uma vez que ela privilegia a expressão verbal com o objetivo de compreender a realidade na perspectiva dos atores sociais diretamente envolvidos. Dessa forma, a pesquisa pode se beneficiar do acesso direto às opiniões bem como às crenças, valores e significados que as entrevistados atribuem a si e aos outros (FRASER; GONDIM, 2004).

O referencial teórico é suportado com a consulta a textos e autores que se destacam na investigação da internacionalização da educação. Os dados estatísticos derivam de documentos como o *Education at a glance* (OECD, 2013). O *corpus* da pesquisa é formado com base nos estudantes internacionais entrevistados. Para o tratamento do material, foi realizada uma análise de conteúdo qualitativa de caráter temático. Assim os extratos das alocações destacaram-se sob duas categorias temáticas, informações e orientações e, acolhimento. As categorias, na perspectiva da análise de conteúdo, são chamadas de unidades de registros. Essas unidades agrupam elementos que possuem atributos comuns (BARDIN,

2010). A partir das leituras dos textos acadêmicos e das próprias entrevistas, foi possível realizar a interpretação do discurso dos estudantes.

O ACOLHIMENTO NA PERSPECTIVA DO ESTUDANTE INTERNACIONAL

No contexto de um mundo onde a velocidade da informação, a mobilidade do capital, mercadorias e de pessoas, as instituições educacionais tentam acompanhar com a mesma agilidade as transformações de um mundo globalizado. Frente a este quadro pressupõem-se constantes desafios vividos por estas instituições. Visto por este prisma, a internacionalização da educação superior se constitui em um elemento a mais no amplo espectro de desafios enfrentados. Para Knight (2006, p.18), internacionalização da educação superior corresponde a um “processo de integração internacional, intercultural de dimensão global dentro do propósito, funções (ensino, pesquisa, serviço) de fornecimento de ensino superior”. Objetivando esclarecer ainda mais as dimensões de cada conceito, a autora também define estratégia de internacionalização da educação superior nos seguintes termos:

as estratégias de internacionalização, no contexto da educação superior, refere-se tanto a atividades realizadas no campus, quanto iniciativas transfronteiriças que facilitem e promovam a internacionalização. Estas estratégias incluem: cooperação internacional e desenvolvimento de projetos; acordos institucionais e *networks*; a dimensão internacional e intercultural do processo de ensino e aprendizagem, currículo e pesquisa; mobilidade de acadêmicos por meio de intercâmbio, trabalho de campo, licenças sabáticas e trabalhos de consultoria; recrutamento de estudantes internacionais; programas de intercâmbio de estudantes no exterior; programas de dupla titulação; parcerias e filiais de *campus*. (Traduzido pela autora)

Para as universidades brasileiras, o processo de internacionalização ainda está centrado nos acordos bilaterais de acolhimento e envio de estudantes, com diversas instituições internacionais. Observado sob as lentes do novo paradigma das mobilidades que propõe olhar os fenômenos sociais não do ponto de vista estático mais de um mundo em movimento, as instituições representam estruturas imóveis que possibilitam a mobilidade dos estudantes (URRY, 2007). Assim, considerando o crescente número de estudantes que investe em um período de estudos fora de seus países de origem, a mobilidade corpórea se constitui a face mais visível da internacionalização da educação superior. Destaca-se que, o que há 20 anos era tratado como simples intercâmbio, hoje se tornou um grande negócio em termos de atração e recrutamento (DE WIT, 2011).

As forças de mercado desempenham papel efetivo no aumento da demanda por um período de estudos no exterior. Muitos estudantes se dirigem para o exterior com recursos próprios, de forma espontânea, sem a mediação dos acordos entre as universidades ou auxílio do governo, podendo assumir características comerciais. Neste sentido, os novos atores e estratégias de grupos empresariais relacionados com a educação superior, possibilitam a criação de novas

instituições que encerram por regulamentar a comercialização de serviços, ou em uma linguagem mercadológica, “produtos” acadêmicos (LIMA; CONTEL, 2011).

Uma das peculiaridades dos serviços de educação é que, durante a primeira etapa do processo de internacionalização, o serviço é fornecido no país de acolhimento. No entanto, é difícil determinar quando o serviço começa. No âmbito do ensino superior, o serviço provavelmente começa quando os estudantes contatam a instituição, seja por e-mail ou telefone. Prover informações sobre a instituição, os programas de formação, bem como os requisitos para a matrícula, pode corresponder ao primeiro impacto acerca dos serviços que serão oferecidos no futuro (CUBILLO et al, 2006). Isto pode ser crucial no momento da escolha pela instituição, ainda que a referida escolha resulte da combinação de outros fatores, tais como sua reputação acadêmica, a qualidade e experiência de seu corpo docente, a atratividade e atmosfera *campus* (MAZZAROL, 1998), a reputação dos cursos que oferece, o currículo associado às práticas pedagógicas exploradas, o perfil do corpo discente que atrai, o valor social dos diplomas de expede, entre outros. Ou seja, trata-se da soma de indícios positivos que os estudantes interessados em uma temporada de estudo têm acesso.

Isso equivale a afirmar que não raro a percepção sobre a excelência da instituição pode ir além da sua qualidade real. Por esta razão, no que concerne aos serviços prestados no âmbito da educação superior, a percepção do estudante se constitui em um elemento central e estratégico (PETERS, 1992). Adjacente ou em paralelo à escolha da instituição, pode estar a busca por experimentar uma cultura diferente, conhecer novas pessoas, fazer contatos internacionais, e desenvolver novas competências linguísticas (BOURKE , 2000). Esta proposição vai ao encontro do que Elliot e Urry (2010) preconizam acerca da importância das relações sociais estabelecidas e da riqueza das experiências vividas no âmbito das mobilidades. Evidenciando que a mobilidade é muito mais do que deslocamentos ou o movimento em si.

Por este prisma, as demandas por experiências internacionais, no âmbito da educação superior podem acelerar e robustecer o processo de internacionalização das instituições educacionais. Assim, pode-se considerar como indício os números do relatório *Education at a Glance* (OCDE, 2013). Segundo o referido documento, em 2011 o Brasil recebeu 14.437 estudantes internacionais, o que comparado a países como EUA (709.565) e Reino Unido (559.948), tradicionais em acolhimentos, pressupõe os desafios e os esforços das instituições brasileiras para proverem serviços ajustados às necessidades da população estudantil que acolhe.

Observa-se que as instituições estão imbuídas em prover uma estada que atenda às necessidades dos estudantes advindos de outras partes do globo. Isso se reflete na existência

de espaços de orientação e de informação esperadas pelos estudantes acolhidos. Este aspecto não é periférico na medida em que os estudantes recém chegados dependem do apoio da instituição de acolhimento para o esclarecimento das questões que transitam entre as mais básicas (funcionamento da rede de transporte urbano, locais adequados para se alimentar, serviços de lavanderia etc.) até as mais complexas (dificuldade de comunicação na língua do país de acolhimento, de alugar um imóvel, de ter acesso a atendimento médico, de (in)segurança pública, de suporte pedagógico de um tutor que ajude nas questões acadêmicas implicadas em um *séjour* de estudo etc.). Dispor desse tipo de apoio pode reduzir preocupações, tensões, medos, inseguranças próprios de alguém que chega a um ambiente em que tudo é novidade e ele se sente um perfeito ‘estrangeiro’.

Vale destacar que além das exigências acadêmicas, os estudantes internacionais convivem com o desafio de se comunicar em uma língua que domina com limitações; investir em novas amizades, compreendendo e se adaptando as diferenças culturais; deslocar-se em uma cidade que desconhece formando pontos de referência; buscar um alojamento que caiba em seu orçamento, administrar recursos limitados; organizar rotinas e cumprir a agenda escolar. Assim sendo, é compreensível que os estudantes internacionais esperem receber excelente suporte por parte da equipe que trabalha nos escritórios de internacionalização. Sob a perspectiva das informações e orientações recebidas, isso fica claro quando afirmam que:

E1 – (...) eles tem um site na internet muito bem organizado, muito fácil de entender o que eu devo fazer pra me candidatar.

E2 - A Jacarandá me deu muitas orientações e conselhos sobre o que eu tinha que fazer. Foi muito bom por ter informado os detalhes de todos os documentos que eu precisava para conseguir o meu visto. Eu acho que essa é a principal coisa que você precisa fazer para vir pra cá.

E4 - Nos informaram como funciona a universidade, nos falaram um pouquinho, nos mostraram a biblioteca, a cafeteria, eles nos deram algumas informação (sic).

E9 – Na Figueira foi bom, eu acho que eles se importam muito com os alunos estrangeiros, eles explicam tudo, é muito claro e fácil. Acho que foi muito bom, comparando com os meus amigos da universidade, ninguém se preocupa com eles, ninguém explica as coisas e não tem uma verdadeira organização para eles.

E10 - Estão ajudando no escritório internacional, quando temos algum problema é só escrever um e-mail e eles respondem em poucos minutos, é perfeito.

E11 - “(...) me candidatei e a Ipê respondeu muito, muito rápido. (...)

Frente à importância do atendimento oferecido pelos escritórios de internacionalização existentes nas instituições sublinha-se a necessidade de investir na formação de uma equipe que possa responder às necessidades dos jovens estudantes em seus respectivos idiomas, sem desconsiderar a fragilidade emocional dos primeiros dias, e a importância de reconhecer as singularidades de cada caso.

De acordo com os estudantes entrevistados, a maneira pela qual as equipes do escritório de internacionalização das instituições brasileiras refletem os traços da cultura brasileira, na medida em que valorizam o relacionamento pessoal e a flexibilidade. Os estrangeiros identificam os brasileiros como um povo amigável, hospitaleiro e inclusivo, tanto nas relações pessoais, quanto profissionais (TANURE; DUARTE, 2005). Estas características aliadas às competências reunidas pelas equipes das áreas de internacionalização refletem na imagem positiva da instituição traduzida nas palavras dos estudantes quando enfatizam que:

E2 - Eu tive absolutamente todo apoio, todo mundo foi muito legal, pessoas que se preocupam. Eles foram muito prestativos, muito legais, foi muito organizado, você sabe o que tem que trazer, antes”.

E3 - Você chega a Jacarandá e eles te dão um ótimo bem vindo, mostram as áreas para você, mostram tudo, fornecem números de contato. Então nessa questão foi perfeito.

E7 - A Figueira fez um ótimo acolhimento, que acontece para todas as pessoas. Eu acho que foi tudo muito acolhedor

E9 – Na Figueira foi bom, eu acho que eles se importam muito com os alunos estrangeiros, eles explicam tudo, é muito claro e fácil. Acho que foi muito bom, comparando com os meus amigos da universidade, ninguém se preocupa com eles, ninguém explica as coisas e não tem uma verdadeira organização para eles.

E10- Eles organizaram uma festa de boas vindas que foi no ginásio e foi realmente ótimo. Houve algumas exposições como capoeira, samba ou bateria e também refeições brasileiras, e havia algumas bebidas, como caipirinhas, foi ótimo.

E12 - Eu cheguei na Ipê e achei ótimo o acolhimento das pessoas. Elas foram muito receptivas lá, a Adriana me acolheu muito bem.

E15 - “Quando a gente chegou, a Ipê organizou um café para os intercambistas e entregou um envelope somente com coisas de Minas, tipo mapa turístico, um livro pequenininho das atividades que acontecem por aqui e um vídeo promocional da cidade, então a Ipê fez sua parte.

Frente a estas manifestações, nota-se que os estudantes das três unidades investigadas reconhecem os esforços na figura de seus departamentos de apoio aos estudantes internacionais em acolhê-los e revelam-se satisfeitos e elogiosos a estes serviços.

Considerações finais

A intenção deste estudo foi abordar a percepção dos estudantes internacionais sobre seus acolhimentos em três instituições de educação superior brasileiras, na perspectiva do serviço oferecido pelos departamentos de internacionalização destas instituições. Considerando, sob uma perspectiva qualitativa, a satisfação dos estudantes no que tange aos serviços prestados por estes escritórios, torna-se relevante ponderar que, ainda que os indicadores sobre mobilidade acadêmica sigam uma lógica quantitativa, sua prática pode ser avaliada sob outra perspectiva. Isso quer dizer que um número maior de acordos internacionais ou a participação em redes interinstitucionais não necessariamente colabora para a elevação do prestígio da instituição ou para a atratividade de estudantes internacionais em mobilidade. Mesmo porque, talvez seja inviável para as instituições gerenciar ou até mesmo se beneficiar de muitos acordos. Uma vez que para manter as relações ativas e consequentemente frutíferas é necessário investir recursos financeiros substanciais no corpo docente, departamentos e escritórios internacionais. Sob este prisma, uma extensa lista de parceiros internacionais reflete acordos em papel, não necessariamente parcerias produtivas e sustentáveis (KNIGHT, 2011).

Neste sentido, no caso do Brasil, onde o processo de internacionalização ativo, ou seja, aquele que se pauta pelo acolhimento de acadêmicos internacionais, é relativamente recente, cabe se perguntar até que ponto o conjunto das instituições estão efetivamente se fortalecendo para acolher o crescente número de estudantes internacionais que procuram o Brasil e as universidades brasileiras para uma temporada de estudo. Ao longo da investigação observou-se que um *site* bem organizado, a rapidez ao responder *e-mails*, a qualidade e pertinência das informações expedidas, tanto quanto uma boa recepção na chegada ao campus são fatores muito valorizados pelos estudantes internacionais.

A postagem de depoimentos positivos em redes sociais acerca da experiência vivida no País por parte dos estudantes internacionais acolhidos certamente ajudará a formar opinião, influir sobre processos de decisão dos estudantes internacionais, e colaborar para a ampliação de número de jovens internacionais nas instituições brasileiras. Agora cabe se insistir em pedagogias multiculturais capazes de respeitar o estilo de aprendizagem de uma sala de aula cada vez mais intercultural.

Referências

Bardin, L. (2010), *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Binsardi, A. and Ekwulugo, F. (2003), “*International marketing of British education: research on the students’ perception and the UK market penetration*”, *Marketing Intelligence & Planning*, Vol. 21 No. 5, pp. 318-27.

Bourke, A. (2000), “*A model of the determinants of international trade in higher education*”. *The Service Industries Journal*, Vol. 20 No. 1, pp. 110-38.

Communiqué 2009. (2009) *The leuven/louvain-la-neuve communiqué 2009. The Bologna process 2020—The European higher Education area in the new decade*. Communiqué of the Conference of ministers responsible for higher Education.

Cubillo J, Sanchez J, Cervino J. (2006), *International Students Decision-Making Process*. *Int. J. Edu. Manage.* 20 (2): 101-115.

Declaração de Bolonha. (1999), *Declaração conjunta dos ministros da educação europeus reunidos em Bolonha a 19 de Junho de 1999*. Disponível em: <<http://www.aauab.pt/bolonha/declaracaobolonha.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2013.

Dervin, F. (2008), *Six myths about study abroad*. LMS Lingua. Disponível em: <http://users.utu.fi/freder/Myths_about_stays_abroadervin_0801.pdf> Acesso em: 21 fev. 2012.

de Wit, H. (2011). *Trends, issues and challenges in internationalisation of higher education*. Centre for Applied Research on Economics and Management, School of Economics and Management of the Hogeschool van Amsterdam.

Elliott. A.; Urry, J. (2010), *Mobile lives*. Oxon: Routledge.

Fraser, M. T. D.; Gondim, S. M. G. (2004), *Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa*. *Paidéia*, Ribeirão Preto, v. 14, n. 28, p. 139-152, maio/ago. 2004.

Godoi, C. K.; Mattos, P. L.C.L. de. (2006), *Entrevista qualitativa: instrumento de pesquisa e evento dialógico* In: GODOI, C.K. et al. *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais – paradigmas, estratégias e métodos*. São Paulo: Saraiva. p.301-323.

Knight, J. (2005), *An internationalization model: responding to new realities and challenges*, In: Wit. H. et al. *Higher education in Latin America: the international dimension*. The World Bank: Washington, p. 1-39.

_____. (2006), *Higher Education Crossing Borders, A Guide to the Implications of the General Agreement on Trade in Services (GATS) for Cross-border Education*. Paris: COL/UNESCO.

_____. (2011), *Five Myths about Internationalization*. *International Higher Education*, n. 62, Boston. Disponível em: http://www.che-consult.de/downloads/IHE_no_62_Winter_2011.pdf> Acesso em: 12 de set. 2013.

Lima, M. C; Contel, F. B. (2011), *Internacionalização do ensino superior: nações ativas, nações passivas e a geopolítica do conhecimento*. São Paulo: Alameda.

Mazzarol, T. (1998), “*Critical success factors for international education marketing*”, *The International Journal of Educational Management*, Vol. 12 No. 4, pp. 163-75.

Peters, M. (1992), “*Performance indicators in New Zealand higher education: accountability or control?*”, *Journal of Education Policy*, Vol. 7 No. 3, pp. 267-83.

Tanure, B.; Duarte, R. G. (2005), *Leveraging competitiveness upon national cultural traits: the management of people in brazilian companies*. *The International Journal of Human Resource Management*, v. 16, n. 12, p. 38-54.

URRY, J. (2007) *Mobilities*. Cambridge: Polity Press.